



# Programas de saúde sem farmacêutico são equívoco

Jaldo de Souza Santos,  
Presidente do Conselho Federal de Farmácia

O Governo criou o Programa de Interiorização cujos objetivos são levar médicos e enfermeiros para o interior e apoiar e fortalecer um outro programa - o de Saúde da Família (PSF). Mas os programas, aparentemente brilhantes, escondem um equívoco grosseiro: a ausência, neles, do farmacêutico. Com este profissional, os benefícios sanitários seriam maiores e os custos do SUS com o medicamento cairiam em cerca de 50%.

Se participassem desses programas, a primeira providência do farmacêutico, ao iniciar o seu trabalho em um Município, seria o de levantar o perfil epidemiológico do lugar, ou seja, conhecer o conjunto das enfermidades mais prevalentes dali, com vistas a padronizar os medicamentos indicados para o combate das mesmas. Só, aí, as vantagens são enormes.

A padronização resulta numa lista de medicamentos básicos, capazes de tratar as doenças recorrentes numa determinada localidade. Essa lista nunca passa de uns 400 medicamentos. Com isso, evitam-se as prescrições de milhares de diferentes produtos tirados dessa enorme (e desnecessária) *fau-na* farmacêutica que há, no Brasil. Aqui, são vendidos 8 mil medicamentos em 14 mil apresentações diferentes. Se é possível a cura com poucos medicamentos, para que comprar tantos?

Sem padronização, as prefeituras adquirem medicamentos à revelia das necessidades, resultando em prejuízos astronômicos. A padronização tem, ainda, a vantagem de disponibilizar o medicamento certo, no tempo certo, para

o paciente certo. Isso leva ao racionamento do uso do medicamento, o que, hoje, é uma das maiores bandeiras da Organização Mundial de Saúde.

Depois, vem o armazenamento. É comum, por desconhecimento dos leigos que estão à frente das farmácias municipais, hospitalares ou não, armazenar o medicamento em lugares impróprios. Porões e outros cômodos mal iluminados, com temperatura e umidade inadequadas, são uma preferência dos leigos, que acham que o espaço que sobra, no hospital ou em outro prédio qualquer da prefeitura, deve ser o armazém. Nessas condições, o desperdício é inevitável, quanto inevitável é o comprometimento da qualidade do fármaco e a dificuldade de tratamento.

Outra etapa importantíssima a cargo do farmacêutico é a da dispensação do medicamento. Trata-se de um ato exclusivo - e intransferível - do farmacêutico e vem cercado de inúmeros cuidados, todos eles amparados no seu conhecimento científico. Aliás, o farmacêutico é dotado de saberes de farmacologia, farmacocinética, fisiologia, fisiopatologia etc., que o fazem uma autoridade em paciente e sua relação com o medicamento.

A atenção farmacêutica (farmácia clínica) é a alma da atividade profissional. É quando o farmacêutico está diante do usuário do medicamento, para prestar-lhe a orientação sobre o produto que vai usar. Aliás, todo paciente tem direito a esta orientação. Um direito assegurado pelo Código de Defesa do Consumidor e pelas leis

sanitárias. Ressalte-se que o farmacêutico é o último - e, não raramente, o único - profissional da saúde a manter contato direto com o paciente.

De sorte que, se não houver, aí, uma boa orientação, todo o esforço em favor do tratamento pode ser perdido para as reações adversas, para as iatrogenias (doenças provocadas pelo uso do medicamento) que, a cada dia, crescem, no mundo inteiro, resultando, inclusive, em morte.

A atenção primária à saúde - aquela que é realizada nos postos e centros médicos, hospitais de pequena complexidade e farmácias em que se encontram presentes os farmacêuticos - pode garantir o tratamento da maioria das doenças. Ao OMS tem insistido em alertar os governantes para isso. A negação da atenção primária com a participação do farmacêutico significa reincidência da doença, internação hospitalar, risco para o paciente, gastos com mais medicamentos e prejuízos para o SUS.

Vale salientar, ainda, o fabuloso papel do farmacêutico contra a praga da auto-medicação, em um Brasil que já figura na perversa estatística de países cujas populações mais se auto-medica. Portanto, esses cuidados farmacêuticos traduzem-se em melhor qualidade de vida, em segurança para o paciente e em redução de custos com medicamento em cerca de 50%. Principalmente, eles ajudam a resgatar a dignidade humana e a cidadania. Então, não é um equívoco grosseiro do Governo não incluir o farmacêutico nos seus programas de saúde?